

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é proporcionar às comunidades cristãs que convivem com a ferida das drogas em seu seio, a oportunidade de ter em mãos um instrumento de reflexão baseado numa coletânea de idéias de vários autores das áreas médica e religiosa, principalmente.

Os textos reunidos neste trabalho têm a intenção de enriquecer as iniciativas de ação e prevenção com relação às drogas, lembrando sempre que a graça de Deus atua sobre uma base humana, e que se esta base humana se encontra perturbada ou adoecida, há que se lançar mão dos atributos disponíveis para que a pessoa humana, sobretudo o jovem que vem sendo atingido por esse flagelo, possa receber o influxo dessa graça sem interferências.

Se for verdade que para Deus nada é impossível, também é certo que o mesmo Deus quis precisar do homem para realizar Seu plano. Daí a necessidade urgente das comunidades não permanecerem estáticas aguardando uma resposta do céu para questões como a incidência da drogadição em seu meio, mas partirem rumo à reflexão e ação. A máxima do evangelho cabe perfeitamente como ponto de partida: *"Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará"*. O conhecimento é essencial para que q

ualquer adversário possa ser derrotado. Aliemos, pois, fé, estudo e oração e partamos para uma ação concreta na erradicação desse mal.

Aos jovens pastores de Jovens, que convivem com a triste realidade das drogas nas universidades, na própria família e em seus círculos profissionais, que este material possa lhes ser úteis como base de uma formação sobre o tema, em sua pastoral evangélica.

1.1 Importância do tema nos dias de hoje - O que a jovem pensa hoje sobre a questão da droga

Uma das principais características do século XX é o progresso científico que ocorre em todas as áreas do saber.

O homem desvendou mistérios do átomo, fonte inesgotável de energia, caminhando para a produção de energia elétrica abundante, fundamental às necessidades da humanidade, nas próximas gerações.

A descoberta dos antibióticos possibilitou enorme progresso da medicina. Doenças e epidemias até então incuráveis parecem recuar em todos os recantos da terra, tendendo a serem erradicadas. A qualidade e a expectativa de vida também aumentaram. O homem já conquistou a lua.

As comunicações aproximaram os povos, tornando o planeta menor, possibilitando ao homem se comunicar com maior frequência e rapidez. As cidades crescem, produz-se cada vez mais, com menor dispêndio de tempo e mão de obra. No campo das neurociências, a partir da descoberta do primeiro neurotransmissor cerebral, que se deu na segunda década do século, dezenas de outros já foram descobertos, possibilitando melhor entendimento do sistema nervoso do homem, na busca da compreensão de nossos pensamentos, emoções, e comportamento. Neste sentido, a tecnologia científica já possibilita mapear áreas do cérebro onde é maior o consumo de oxigênio e glicose, em função de nossos pensamentos e emoções.

Objetiva-se, desta forma, maior conhecimento e compreensão do cérebro humano, com a finalidade de se propiciar melhor saúde ao homem.

Há um surto de progresso em todas as áreas e uma expansão dos conhecimentos ocorrendo uma “velocidade de transformações”.

Estamos em plena "Década do Cérebro", instituída pela Organização Mundial de Saúde.

As drogadições, entretanto, longe de recuar, experimentaram sensível aumento nas últimas décadas, as quais, juntamente com a AIDS, surgida no início dos anos 80, parecem representar novas ameaças aos povos, em confronto com a expectativa da redução gradativa das doenças e do vislumbamento de melhor qualidade de vida que se esperava do avanço científico e tecnológico.

Novos desafios precisam ser enfrentados, pois o progresso repercute e afeta o psiquismo do homem, criando novos problemas.

A Organização Mundial da Saúde reconhece que houve um considerável aumento na produção mundial de drogas psicoativas. (psico: mente/ ativa: que age) A cocaína, por sua vez, experimentou um dramático aumento da produção e consumo. O aumento do consumo de drogas no mundo parece indicar que está ocorrendo um fracasso das autoridades responsáveis pelo desenvolvimento de políticas voltadas ao equacionamento e solução do problema.

Há uma espécie de consenso geral, no tratamento da questão, que a prisão de usuários de drogas ilegais esgotou-se, face à impossibilidade física de se prender todos os envolvidos. Tratamento e penas alternativas têm sido utilizados.

Os jovens, na impetuosa busca de anseios de êxtase que esperam das drogas, parecem ignorar os perigos à saúde e à liberdade, decorrentes do relacionamento com as substâncias psicoativas e também não se intimidam diante da possibilidade de punição pela lei.

A ameaça, o temor ao castigo também é enfrentado pelos traficantes, ávidos por poder e por ganhos, que se julgam invulneráveis à lei, pelo fato de muitas vezes fazerem parte de organizações criminosas, que não raro fazem uso da violência contra pessoas e instituições para garantir segurança aos seus negócios criminosos. Alguns, após serem capturados, podem passar longos períodos trancafiados em presídios, em companhia de outros que também se julgavam seguros.

Que o dependente de drogas, em princípio, é uma vítima de suas fragilidades, herdadas ou talvez adquiridas, devendo ser considerado uma pessoa doente, portador de uma toxicomania, necessitando cuidados e tratamento especializado, todos parecem concordar. Por outro lado, procurar justificar a conduta do usuário de drogas ilegais como resultante da proibição ou do desafio que tal circunstância desperta nele, denota uma visão muito restrita do problema.

Tudo indica que estamos diante de um fenômeno social profundo e complexo, com inúmeras variáveis, ainda não plenamente explicados ou de solução remota, daí as dificuldades de se visualizar seus contornos.

O que fazer e como proceder parece ser a preocupação atual.

Como proceder com o usuário, com o dependente e com o fornecedor ou traficante da droga? E quanto às substâncias psicoativas ilegais? Liberá-las todas, ou apenas algumas?

Quem as produziria? As drogas ilegais seriam comercializadas praticamente sem restrições, como as bebidas alcoólicas e os cigarros? Todos teriam acesso livre a elas, inclusive as crianças e adolescentes?

Frente a tais questões há predominância de certas posições. Alguns pregam a liberação total das drogas, com limitação apenas à faixa etária dos usuários. Outros defendem a liberação apenas da maconha, que entendem ser droga "leve", usada por deleite, não causadora de dependência, com restrição, também, aos menores.

Há os que entendem o fenômeno do uso de drogas ilegais como uma simples questão econômica, oferta e procura de um bem, de uma mercadoria escassa em comércio, devendo o Estado não se comprometer em tal relacionamento, apenas procurando garantir seu quinhão de impostos. Argumentam que mais verbas poderiam ser revertidas à prevenção e ao tratamento de dependentes e em consequência de tal postura, desapareceria a figura do traficante, com conotação ligada à violência e à corrupção. Os que defendem tal postura não percebem o agravamento dos serviços públicos de saúde, como decorrência.

Alguns até defendem o direito fundamental da pessoa dispor de sua própria saúde, tendo a liberdade de utilizar a substância que bem lhes aprouver, não admitindo a interferência do Estado neste campo, direta ou indiretamente invocando até questões constitucionais. Não mencionam ou se referem aos adolescentes, pessoas psicologicamente em formação, cada vez mais livres e expostos, portanto mais vulneráveis às pressões e influências do meio.

Outros pregam um conjunto de atitudes mais equilibradas, mais concordes com o panorama atual, por meio da fiscalização, da repressão e também da reinserção ou reintegração social dos dependentes.

Seja qual for a posição assumida pelas pessoas no que concerne à liberação ou não das drogas ilegais, com ou sem restrições, um aspecto fundamental intrínseco a elas ainda permanece imutável, pois independe das posições assumidas. É a ação no sistema nervoso central, característica de certas substâncias químicas componentes das drogas psicoativas.

As drogas psicoativas alteram o sistema nervoso central com maior ou menor profundidade, fazendo com que o indivíduo tenha emoções exacerbadas ou um comportamento que nunca teve anteriormente. Esta é a questão fundamental: alteração do sistema nervoso central e Conseqüentemente da saúde das pessoas, entendida em sua acepção ampla, mental, física e social.

Não há garantias, sempre, de que o sistema nervoso central se restaure plenamente após a ação de drogas psicoativas. Assim, pode acontecer e realmente acontece que alguns passem a depender psicologicamente de um estado alterado de seu próprio psiquismo. Atingido este estágio, o indivíduo estará diante da dependência à determinada droga psicoativa. Nesta etapa a drogadição já se estabeleceu, podendo levar o indivíduo a uma "escalada de decomposição moral e física".

Portanto, quanto maior o uso ou maior a exposição às drogas psicoativas, maior a probabilidade da dependência.

Mais pessoas teriam acesso a mais drogas, agora liberadas ou com pouca ou nenhuma restrição, aumentando a violência incidente principalmente sobre os jovens, que seria a própria dependência, a exigir a ingestão constante e periódica da droga. Passariam a sentir um impulso forte, quase incontrolável, uma compulsão ou desejo intenso pela droga, *"porque a sobriedade se torna desconfortável e mesmo insuportável"*, conforme relatam os dependentes. A ausência da substância psicoativa no organismo pode gerar insuportável desconforto físico e principalmente psicológico ao dependente, fator que realimenta seu uso.

Mais substância psicoativa, maior e mais freqüente alteração do sistema nervoso central. Probabilidade de aumentar a tolerância e a dependência, são os termos da equação que se vislumbra. A substância psicoativa pode passar a exigir sua própria utilização, fechando o fenômeno droga - dependência - droga.

Assim, medidas dirigidas unicamente às substâncias psicoativas não resolverão o problema, face à possibilidade de sempre se poder encontrar uma droga substituta, além de grande disponibilidade delas na sociedade.

A solução da questão, portanto, examinada de um ponto de vista ético, não é simples, mas, antes, implicará na tomada simultânea de um conjunto de medidas preventivas voltadas para o homem e para suas instituições sociais, entre elas a família e a escola; para a

disponibilidade da substância indutora de dependência e para o momento sócio-cultural condicionador dos elementos mencionados.

Só assim, o homem, testemunha da criação, tripulante da espaçonave Terra, poderá prosseguir sua viagem em harmonia e equilíbrio, com compreensão e domínio dos problemas que o afligem e que agravam sua saúde, em especial a dependência de drogas. ("CONTORNOS DA DROGADICÇÃO" - Dr. Fausto Cardozo da Silva Jr.)

1.2 Posição da Igreja em relação às drogas

O Catecismo da Igreja Católica reserva dois parágrafos sobre este tema (parágrafos 2211 e 2291). No primeiro deles, atribui à comunidade política o dever de garantia “a proteção da segurança e da saúde, sobretudo em relação aos perigos como as drogas, a pornografia, o alcoolismo, etc”.

No segundo deles, inserido no tema sobre o respeito à dignidade das pessoas, refere que “O uso da droga inflige destruições muito graves à saúde e à vida humana. Salvo indicações estritamente terapêuticas, constitui falta grave. A produção clandestina e o tráfico de drogas são práticas escandalosas; constituem uma cooperação direta, pois incitam a práticas gravemente contrárias à lei moral”.

A brevidade contida no Catecismo reflete-se também na escassez dos trabalhos promovidos pela Igreja quanto à prevenção e recuperação na área das drogas, embora atualmente possamos encontrar em alguns estados brasileiros, comunidades terapêuticas, geralmente instaladas em fazendas ou sítios, que funcionam segundo a máxima beneditina "Ora et Labora", isto é, baseiam o tratamento dos dependentes na oração e no trabalho, além das devidas assistências médicas e/ou psicológicas.

Uma das grandes dificuldades de um trabalho de recuperação é o fato do tratamento precisar ser iniciado por vontade da pessoa envolvida, que precisa concordar com a abstinência, passo quase impossível em alguns casos.

Daí a necessidade de se estabelecerem nas comunidades cristãs, trabalhos preventivos, baseados principalmente num foco educativo, já que o que existe ainda hoje é a má informação sobre os perigos da droga.

1.3 Estatísticas

No Brasil

O fator de maior limitação para um programa nacional, que aborde de forma consistente o problema de drogas no Brasil, é a falta de estatísticas confiáveis que apresentem a sua real dimensão para a população em geral. Há estatísticas bastante confiáveis, produzidas especialmente pelo CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas - que refletem de forma bastante clara o consumo de drogas entre estudantes de primeiro e segundo grau.

A metodologia utilizada neste tipo de estudo epidemiológico é clássica, quando se aborda a questão drogas, com investigações feitas a partir do uso na vida, uso no último ano e último mês. Essa investigação quase que sempre é feita de forma anônima, com o objetivo de se ter maior fidedignidade de dados obtidos. O instrumento usado é um questionário, e não há intenção, na sua aplicação, de se identificar quadros de dependência.

Os dados encontrados são importantes e mostram, por exemplo, que em 1993, 17,8% dos estudantes reconheciam haver consumido drogas ilegais ou psicotrópicos (não receitados por médicos) ao menos uma vez na vida.

Entre os meninos de rua entrevistados, de 12% a 25,5%, dependendo da cidade em que foi aplicado o questionário, admitem ter tentado o suicídio alguma vez na vida. Ainda ao

pesquisar uso na vida, entre 50,7% e 90,5% confirmam uso de drogas ilegais e/ou psicotrópicos.

O panorama epidemiológico do Brasil mostra a prevalência das drogas legais: elas representam mais de 90% dos abusos ou usos freqüentes praticados pela população. Seu custo social é altíssimo, ultrapassando de longe aquele das drogas fora da lei. Em termos de mortalidade, o abuso de álcool e fumo é responsável por cerca de 95% dos casos de óbito devidos a drogas, sendo que somente 5% são imputados às "outras drogas", no seu conjunto. (Dados de pesquisas realizadas em 92 e 94)

Antes dos 16 anos o abuso das drogas complica a cura. Se iniciado em idade púbere (durante a puberdade), o abuso do álcool também complica a situação. A porcentagem de curas nas melhores comunidades terapêuticas é da ordem de 30 ou 40% de todos os ingressados em um programa. Essa estatística decresce com a iniciação antes dos 16 anos no caso da droga ou púbere no caso do álcool.

Faltam, entretanto, pesquisas mais amplas que possam apresentar qual é a extensão do problema das drogas na população em geral, inclusive adulta, e não só entre estudantes de primeiro e segundo graus.

No mundo

Os dados disponíveis sobre o uso de drogas entre os adolescentes são quase tão difíceis de serem obtidos quanto os dados sobre sexualidade - e por razões semelhantes. As drogas, como o sexo, representam uma atividade proscribida para os adolescentes. Realmente, em alguns estados dos Estados Unidos, as penalidades legais pela simples posse de maconha permanecem terrivelmente severas. Sob tais circunstâncias, torna-se difícil fazer perguntas aos adolescentes sobre seu consumo de drogas sem alarmar a direção das escolas e os pais - e talvez, até mesmo enfrentar alguns problemas com a lei. Conseqüentemente, muitas das pesquisas sobre o assim chamado problema das drogas têm se restringido a grupos de adolescentes mais velhos e mais acessíveis: os estudantes universitários. Devido a estas limitações, é óbvio que nós não podemos chegar a qualquer conclusão definitiva a respeito da extensão do uso ou abuso de drogas durante a adolescência. Um fato, entretanto, parece estar estabelecido. Nos campus universitário pelo menos, fumar maconha tem se tornado algo extremamente comum. Uma das primeiras pesquisas sobre o assunto relata que 21% dos estudantes da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, tinha "fumado" pelo menos uma vez e pesquisas posteriores apontaram um aumento considerável.

Uma proporção substancial de jovens nos Estados Unidos, particularmente aqueles de melhor nível sócio econômico, experimentou drogas pelo menos uma vez.

Todo ano, um milhão de soviéticos morrem por causas diretamente relacionadas ao álcool, em toda Rússia.

As quatro primeiras causas de morte juvenil na América são de caráter psiquiátrico: acidentes de trânsito, suicídios, mortes violentas e acidentes derivados da gravidez precoce. Nas três primeiras causas de morte, intervém o abuso de drogas e de álcool como elemento central.

Nos Estados Unidos existem cerca de 50 milhões de pessoas que usam a cocaína, significando que uma faixa de 25 a 30% da população é formada de usuários atuais ou potenciais, prontos para se tornarem viciados.

Na América do Norte, a idade de iniciação ao álcool atualmente está em torno dos 12 anos e 3 meses, quando em 1970 era aos 18 anos. Aqui existe uma outra característica ligada ao tema: é que a droga se transformou em uma enfermidade que mantém um negócio. Portanto, todo viciado é potencialmente um vendedor. Por outro lado, todo toxicômano se transforma num propagandista desse negócio. Deve-se destacar que cada viciado faz quatro

novos viciados por mês, por intermédio do poder epidêmico e contagioso da proposta e mais ainda quando em certos meios juvenis a toxicomania é um costume grupal e prestigioso e que proporciona até uma posição de status.

Devemos lembrar que, num total de 100 drogados, o melhor dos tratamentos não consegue recuperar mais de 60. Portanto, os 40 outros continuarão flutuando com uma demanda crescente de substâncias químicas. É um verdadeiro problema social, e não apenas médico.

Por trás disso tudo, encontra-se uma enfermidade juvenil, que é uma síntese de desorganização familiar, social e individual. Se 90% das consultas sobre drogas acontecem com jovens entre 13 e 23 anos, hoje o problema é o jovem. A droga não é só o problema, é a enfermidade do jovem. ("A TOXICOMANIA - SINAL E SINTOMA" - Juan Alberto Yria / "ADOLESCÊNCIA E INDIVIDUALIDADE"- Judith Gallatin / "DROGAS, AIDS E SOCIEDADE" - Ministério da Saúde, Secretaria de assistência à Saúde, programa nacional de DST/AIDS)

2- DEFINIÇÕES E CLASSIFICAÇÃO:

2.1 Drogas

Iremos abordar agora o que são "drogas" e quais são os diferentes tipos de drogas e o que causam no organismo e no psico de cada consumidor.

O termo "drogas" se aplica a todas as substâncias psicoativas, que quando no organismo podem alterar a consciência ou o estado mental do indivíduo, e que se podem encontrar como componentes de drogas terapêuticas líquidas, poções e plantas

O termo drogas lícitas inclui:

1. **Álcool e fumo**, que em geral, estão legalmente disponíveis para adultos, embora o uso, a compra ou posse, pelos adolescentes, ma maioria das circunstancias, seja ilegal.
2. **Psicotrópicos**. Ex.: Diazepan e barbitúricos, comumentes conhecidos como sedativos e calmantes, que devem ser prescritos por médicos.
3. **Inalantes e solventes** são drogas de fácil acesso, usadas com a finalidade de ficar intoxicadas.

Drogas ilícitas: são substâncias essencialmente proibidas para qualquer pessoa, como por exemplo: maconha, cocaína, LSD, heroína, crack, extasy.

Algumas drogas podem ser prescritas em certos estados ou países apenas em obediência a orientações legais (ex.: prescrição controlada para anfetaminas).

Todas as substâncias psicoativas estão sujeitas ao abuso, mau uso e dependência física ou psicológica; da mesma forma, provocarão danos severos na saúde do indivíduo.

O termo abuso geralmente refere-se ao uso ilícito de uma substancia pela pessoa; mau uso refere-se à prescrição da droga por um médico, de forma inaceitável em termos médicos.

2.2 Álcool

É a principal droga psicoativa utilizada no mundo todo. Depois das doenças cardíacas e do câncer, o alcoolismo é o terceiro maior problema de saúde nos EUA. Os levantamentos nacionais sobre o uso de drogas entre estudantes de escolas públicas de 10 capitais brasileiras, realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicoativas em 1987 e1989, confirmaram que o álcool é a droga mais consumida entre os estudantes.

Os problemas com o álcool estão correlacionados a uma história de dificuldades escolares. Pessoas que abandonam a escola ou que apresentam alta quantidade de faltas e delinquência parecem estar particularmente sob um alto risco de alcoolismo.

Efeitos do álcool no organismo:

- Sobre o cérebro: o álcool se comporta como um depressor do sistema nervoso central. O juízo é inicialmente perturbado, fala indistinta, reflexos lentos e alteração de personalidade, incluindo tendência a discussão, beligerância, melancolia, irritabilidade, euforia, desinibição social e outras alterações na personalidade;
- A pessoa pode ficar confusa e chegar ao coma. O álcool produz também amnésia anterógrada (apagamentos passageiros da memória), a pessoa é incapaz de recordar eventos ocorridos nos últimos cinco ou dez minutos;
- O álcool afeta o fígado, podendo levar a uma cirrose hepática. A intoxicação aguda pode levar a uma baixa de glicose no sangue, responsável por mortes súbitas;
- O abuso de álcool inibe a capacidade de absorção de vários nutrientes, incluindo vitaminas e aminoácidos. A ingestão crônica está associada à gastrite e úlcera gástrica;
- A fraqueza muscular é um efeito colateral do alcoolismo;
- O álcool aumenta o funcionamento do coração em repouso, frequência cardíaca e o consumo de oxigênio pelo miocárdio. A utilização crônica pode causar doenças do músculo cardíaco;
- O álcool consumido como droga "tranquilizante" produz uma gama de efeitos que vão desde a sedação até ao comprometimento motor e intelectual, progredindo até a coma e morte;
- Delírio por abstinência alcoólica. Ocorre geralmente uma semana após a pessoa parar de beber ou diminuir o consumo. Ocorre sudorese, alucinações visuais ou táteis, atitudes agressivas ou até mesmo suicidas.
- Alucinose alcoólica. Apresenta-se nas primeiras 48 horas depois de diminuir ou deixar de ingerir álcool e que persiste após a recuperação dos sintomas de abstinência alcoólica. A pessoa acredita ouvir vozes disformes desagradáveis e angustiantes;
- Demência associada ao alcoolismo. Apresenta-se em casos graves, quando há um comprometimento no funcionamento social ou ocupacional. O indivíduo começa a ter deficiências cognitivas e ao final se torna indiferente ao ambiente à sua volta;
- Síndrome alcoólica fetal. Estudos em mães alcoólatras revelaram bebês com deficiências de crescimento, má formação nos membros, defeitos no coração e desenvolvimento motor retardado, entre outras alterações.

2.3 Nicotina

A nicotina é consumida por 30% da população dos EUA e responsável por diversas doenças: câncer de pulmão, efisema e doenças cardiovasculares. O uso atual de cigarros entre jovens de 12-17 anos é de 12% e entre 18-25 anos de 35%.

O hábito de fumar está associado a ser rebelde, status ou pressão de grupo de amigos. A mídia vende a nicotina e a sociedade a consome livremente. Pode-se dizer que somente nos últimos dois anos, movimentos antitabagistas espalharam-se pelo mundo, inibindo o consumo de cigarros, especialmente em ambientes públicos.

A interrupção abrupta do cigarro para um fumante produz diversos efeitos, sendo os mais comuns: ansiedade elevada, irritabilidade, dificuldade de concentração, inquietação, aumento de apetite e baixa frequência cardíaca.

Entretanto, os benefícios para quem pára de fumar são igualmente diversos: aumento da expectativa de vida, diminuição de risco de câncer de pulmão, ataques cardíacos, doenças pulmonares crônicas e, em mulheres grávidas, diminui o risco de ter bebês com peso abaixo do normal.

2.4 Sedativos e tranqüilizantes

Estas drogas parecem ser de mais interesse para as mulheres do que para os homens. Produzem sonolência, sedação e são as causas mais comuns para acidentes fatais, sendo as drogas mais ingeridas com intenção suicida. O uso abusivo destas substâncias leva a alterações na memória. A interrupção abrupta do consumo produz náuseas, vômitos, ansiedade excessiva, irritabilidade, insônia, tremor e até convulsões.

2.5 Inalantes

São muito comuns entre os meninos de rua. Substâncias baratas, (removedor de cola, cola de sapateiro, gasolina, aerosóis), seus efeitos aparecem cinco minutos depois da ingestão e duram por vários minutos. O indivíduo apresenta um quadro de euforia, excitação, fala arrastada e sensação de poder.

Como conseqüência para o organismo, os danos mais comuns são: problemas hepáticos, renais, neurite periférica, deficiências neuromusculares e cerebrais permanentes.

2.6 Maconha

É o nome mais comum para a planta "cannabis ativa", fumada em cachimbo ou mais freqüentemente em cigarro, mais vulgarmente conhecida como "baseado".

Os efeitos psicológicos da maconha incluem euforia, estados de tranqüilidade anormal e sonolência. O indivíduo torna-se sensível a estímulos externos, revela detalhes que habitualmente seriam ignorados, melhora subjetivamente a apreciação da arte e música.

Ocorre aumento do apetite, taquicardia e boca seca. Enquanto experimenta os efeitos da droga, o consumidor observa sua própria intoxicação. O uso crônico causa uma síndrome motivacional, isto é, a pessoa tem relutância em persistir em uma tarefa, seja escolar, profissional ou ocupacional. Torna-se apática, sem energia e torna-se indolente. O consumo crônico da droga pode ter efeitos debilitantes como a ingestão prolongada de bebidas alcoólicas.

2.7 Cocaína

A cocaína é geralmente aspirada ou fumada (crack, que é uma combinação de pó de cocaína com bicarbonato de sódio).

A euforia produzida pela cocaína é intensa, sendo a droga mais aditiva disponível no mercado, podendo a dependência psicológica ocorrer após uma única dose. Seus efeitos são curtos, durando até 30 minutos após o uso. Após a ingestão ocorre um período de depressão, que pode incluir idéias suicidas, especialmente após períodos de uso extensivo da droga (um dia inteiro, por exemplo).

O aumento do consumo de crack aumentou consideravelmente o número de pessoas consideradas "viciadas". O seu uso crônico causa nariz inflamado, ulcerado, danificação dos pulmões e ocasionalmente pode apresentar perfuração do septo".

A intoxicação pela cocaína produz ainda: alterações comportamentais como euforia, brigas, sentimento de grandiosidade, hipervigilância, agitação psicomotora, funcionamento social ou profissional comprometido. Fisicamente, causa taquicardia, aumento da pressão sanguínea, náuseas, vômitos e alucinações. A cocaína, quando injetada, produz o risco de contaminação pelo vírus da AIDS, porque se observa ainda o hábito de compartilhamento de seringas, como um ritual ainda praticado, por mais campanhas de prevenção que tenham sido divulgadas.

3- INFLUÊNCIAS INDIVIDUAIS E SOCIAIS NO ENVOLVIMENTO COM DROGAS

Várias investigações indicaram que crianças rebeldes, agressivas, com problemas de controle emocional e de relação interpessoal que persistem até a adolescência, estão relacionados ao maior envolvimento com drogas. Fatores de temperamento difícil nos adolescentes, inclusive hábitos de alimentação biologicamente irregulares, inflexibilidade e distração fácil, falta de apoio familiar, baixo auto-estima, sintomas depressivos e atividades delinqüentes estavam também associados à maior percentagem de uso de drogas.

Os adolescentes desocupados, que não têm um apoio saudável de outros colegas, apoio familiar ou ligação com uma comunidade (clube, grupo de jovens), acabam descobrindo um grupo que os aceita facilmente: os usuários de drogas. Grande parte dos casos de uso de substâncias começa em ambientes sociais e os próprios companheiros fornecem a droga para o iniciante e o ensinam como usá-la.

Crianças, adolescentes e jovens são altamente influenciados pela mídia e pelo comportamento do adulto. Influenciam o consumo as restrições legais, pois os jovens sentem um certo prazer em "infringir o proibido". Parecem existir diferenças éticas no que se refere à iniciação do uso de substâncias aditivas. Enquanto entre os asiáticos o consumo de álcool não é tão preocupante, para os descendentes irlandeses e italianos, o alcoolismo é um problema que preocupa seus governos. Nota-se uma influência evidentemente cultural ou genética nesses dois países.

4- A QUESTÃO DA DEPENDÊNCIA

A sabedoria popular há muito observou a estrutura familiar do alcoolismo. Plutarco afirmava: "um bêbado gera outro bêbado". Assim, enquanto vários estudos sugerem que os fatores genéticos são importantes em algumas formas do abuso de álcool, outros assinalam que o alcoolismo é quatro vezes mais prevalente entre os homens com pai biológico do que entre aqueles cujos pais não eram alcoólicos, independentemente de serem adotados. Estudos genéticos têm sugerido que um gene confere susceptibilidade a pelo menos uma forma de alcoolismo. Por isso, certos indivíduos desenvolveriam alcoolismo, independentemente dos modificadores biológicos ou ambientais.

As crianças que vivem com pais que usam álcool ou outras drogas aditivas parecem ter maior risco de usar e se tornarem dependentes, além de terem maior tendência de problemas de comportamento.

As práticas de desenvolvimento familiar desfavorável ou inconsciente, a falta de envolvimento materno nas atividades da criança e a falta ou inconsciência da disciplina, podem ser indicadores do abuso de álcool ou outras drogas. Pais que têm formas de comunicação negativas como crítica e censura com relação aos filhos, contribuem para um comportamento favorável ao uso de drogas. Um estudo percebeu que 54% dos adolescentes usuários de drogas o faziam para aliviar as tensões em casa.

5- ABORDAGEM PREVENTIVA E SUAS IMPLICAÇÕES

5.1 - A importância do núcleo familiar

Família e humanidade coincidem, os termos se complementam. Hoje, mais do que nunca, a família é o eixo básico da hominização, ou seja, responde a requisitos substanciais na promoção do humano. Existem certos requisitos únicos no plano instintivo, afetivo - emocional e de valorização que dependem do grupo familiar.

Sem apelar para outras áreas do conhecimento, a própria sociologia da família nos ensina as várias funções da instituição familiar: local de socialização ou de formação de cultura do desenvolvimento da personalidade, eixo em torno do qual se constituem os direitos e proibições sexuais; conjunto de rituais que vão desde a gestação, ao nascimento, noivado e casamento; unidade ou grupo econômico com divisão do trabalho, raiz de costumes, normas, obrigações e direito, ambiente de sentido e significado simbólico morais, de idéias e valores culturais.

J. Lacan nos diz: "Entre todos os grupos humanos a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Outros grupos também contribuem com as tradições espirituais, com a manutenção dos rituais e dos costumes, com a conservação das técnicas e do patrimônio. No entanto, a família predomina na educação inicial, na repressão dos instintos e na aquisição do idioma ao qual justificadamente se designa como materno. Dessa forma, governa os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico".

Os jovens inteligentes e sensatos sabem muito bem que a família é uma necessidade vital. Sabem também que uma coisa é construir uma casa e pôr um casal e alguns filhos nela e outra coisa é construir um lar de verdade. A casa pode abrigar pessoas sem nenhuma ligação além do sangue ou de interesses egoístas. O lar abriga pessoas que, além do sangue, se ligam por laços de afeto.

Em teoria, a família deveria ser o refúgio para onde se fugisse das agressões do mundo. Seria como o ninho para a ave. Infelizmente nem sempre o é. Milhares de crianças, adolescentes e jovens passam a maioria do tempo fora de casa, porque a família é o último ambiente onde gostariam de viver. Voltam para casa contrariados e arranjam algum pretexto para sair de lá o mais cedo possível. Simplesmente não amam seus pais e seus irmãos. Em contrapartida, não se sentem amados por eles. E não são milhares apenas. São milhões. Uma das dores mais doidas da juventude moderna é sua própria família. Lares desfeitos, lares em conflito permanente, mães e pais insatisfeitos, gente egoísta, cada um pensando em si e não amando ninguém.

A família pode, em certas circunstâncias, transformar-se num grande e doloroso não.

O desvio de muitos jovens começou no desvio do relacionamento familiar. Para esses jovens a vida se transformou num grande não.

Decepcionados com a família, insatisfeitos com o ambiente familiar - inclusive quando os pais são bons e não merecem a agressão dos filhos - milhares de jovens optam por não casar, por não aceitar as propostas da moral familiar que conheceram, por desafiar a moral vigente de sua religião e até da sociedade em que vivem.

Escolhem um jeito agressivo e desafiador de viver, numa silenciosa ou espalhafatosa agressão aos pais e irmãos. No pano de fundo dos comportamentos debochados de muitos rapazes e meninas, está quase sempre a insatisfação com sua própria família. Quando podem ir embora, libertam-se de tudo e de todos. Quando não podem, agridem do jeito que sabem os valores mais caros de seus pais e parentes. Mas há também os que se calam e sofrem silenciosos os traumas de cada violência e carregam dores difíceis de contornar, às vezes por toda a vida.

Não resta dúvida alguma de que a família deixa marcas na pessoa. Não determina uma vida, mas deixa registrada a sua marca por toda a existência. Não determina porque sabemos que milhares de jovens maduros e bons vieram de pais desequilibrados e milhares de jovens desequilibrados vieram de pais sensatos e bons. Mas é verdade que todos nós carregamos estampados no comportamento aquilo que a nossa família nos deu ou nos negou.

Nos tempos atuais há jovens protestando contra a instituição familiar como a conhecem. E há jovens rebeldes e insatisfeitos que simplesmente não querem mais ouvir seus pais e seus irmãos e cortaram todo o diálogo em casa. Não acham que possam aprender coisa alguma com a família que têm. Romperam com a família com que vivem.

Não obstante, sua carência é clara e patente. Não conseguem negar que o que mais lhes falta é um colo de pai ou mãe, um abraço carinhoso de alguém que nada lhes cobre senão ternura e afeto. Em momentos mais abertos dizem com sinceridade que gostariam de poder dar e receber algum carinho igual ao que seus amigos recebem nas suas casas. Isso aumenta ainda mais a revolta, porque parece um sonho impossível.

O aumento dos desquites, separações e divórcios nas cidades têm sido tão grandes que, em alguns centros urbanos como Rio, Brasília, São Paulo, há quadras inteiras onde para cada dez famílias, pelo menos três são famílias de segundo casamento. Vale dizer que os filhos estão vivendo com pai ou mãe estranhos. E entre os casais jovens, de menos de dez anos de casados a incidência de lares desfeitos tem crescido tanto que sacerdotes, psicólogos, juizes começam a se interrogar sobre o modo de preparar melhor os jovens para o matrimônio.

Seus filhinhos demonstram, já em tenra idade sofrimentos tais, que não se lhes pode prever vida serena. E se os casais que permanecem juntos se entendessem bem, ainda se poderia pensar em juventude feliz. Mas também os lares não desfeitos são cheios de incoerências e crises. Ora, os jovens não são ingênuos nem tolos. Sabem quando pai e mãe se amam e quando apenas se toleram.

Por tudo isso era de se esperar novo comportamento da juventude em face à família. Herdaram, na maioria dos casos, sobretudo nas áreas urbanas, uma família em crise moral, econômica, religiosa, social. Faz muito tempo que a família deixou de ser a melhor escola de educação para o jovem. Não deveria ser assim, mas é. E a escola não consegue suprir a falta dos pais e irmãos. Também as Igrejas chegam muito pouco ao jovem. Poucas religiões atingem mais do que 10% dos seus jovens. Os outros 90%, invertendo a parábola de Jesus, são ovelhas extraviadas que precisam do Bom Pastor. As poucas que ficaram no redil e estão bem não possuem força para recuperar o coração decepcionado da maioria da juventude.

Enquanto isso, as alienações do cotidiano tentam ocupar naqueles corações inquietos o grande vazio que só mãe e pai e irmãos preencheriam de verdade. Até certa idade, a família é imprescindível. Depois é impossível descartar-se dela sem sofrer a dor do vazio.

Alguns jovens encontraram a resposta em si mesma, na fé, em grupos de amigos, em outras famílias que os acolheram com ternura. Milhares de jovens foram buscar na rua a resposta que também não está lá. E houve os que fugiram para religiões exóticas, costumes agressivos, na alienação da arte não comunicante ou na droga. De qualquer modo eles estão procurando.

Quando os jovens criticam ou desprezam a família que conhecem, não estão negando a importância do amor e da família: estão buscando, sem admitir, um modelo melhor de família, não é a família em si que os jovens criticam: é sua caricatura.

A moderna psicologia considera que toda dependência é uma patologia do diálogo familiar, do não dito, que está por ser dito. Tanto que uma das modalidades de tratamento, a comunidade terapêutica, incorpora a família como eixo central do tratamento dos vícios. No caso das drogas, encontramos os seguintes tipos de estrutura familiar:

1. **Cismática**: desagregados, com escasso poder do casal de pais para enfrentar uma crise adolescente;
2. **Simbiótica**: o vício como impossibilidade de diferenciar-se da família;
3. **Excessivamente aberta**: família típica de pacientes drogados delinqüentes. Não há controle das condutas desde a infância. Criança de rua. O menino sente-se como "pai de si mesmo";
4. **Família inexistente**: paciente de reformatório ou adolescente de classes opulentas.

Nestas famílias, observa-se que:

- 1) A toxicomania estabiliza a família, no sentido de que o drogado passa a ser um depositário dos conflitos até então "camuflados";
- 2) São comuns nas famílias de drogados as diversas dependências dos pais ao álcool e ao trabalho. Nos pais dependentes do álcool vamos ver que eles funcionam como crianças mal estruturadas e que mais do que pais, agem como irmãozinhos - crianças rivais. Nos *workaholics* (afixionados ao trabalho), encontramos a falta de diálogo.
- 3) O sintoma acaba sendo a única maneira da família reunir-se;
- 4) No sintoma, o paciente é depositário e sentinela. Como depositário, ele é o personagem escolhido de uma verdadeira história dramática familiar. Como sentinela, controla e defende a eclosão psiquiátrica de algum dos pais ou irmãos;
- 5) A família também está doente. ("A TOXICOMANIA - SINAL E SINTOMA" Juan Alberto Yaria / "A GERAÇÃO INSATISFEITA" Pe. Zezinho, scj).

O QUE FAZER SE VOCÊ DESCOBRIR QUE SEU FILHO ESTÁ USANDO DROGAS?

- Não dramatize o fato, encare-o com realismo e objetividade. Discuta-o com seu (sua) esposo (a) ou com alguém de sua confiança. Lamúrias, automortificações, recriminações ou agressividade e violência não ajudam em nada.
- Procure ter certeza de que o fato está realmente acontecendo, através de uma observação cuidadosa do comportamento do seu (sua) filho (a) e também dos sinais e sintomas principais que constam dos sinais gerais do uso de qualquer droga.
- Tenha uma conversa franca, sincera e leal com seu (sua) filho (a). Procure colocá-lo (a) à vontade a fim de descobrir toda a verdade;
- Verifique bem nessa conversa, com energia, mas também com brandura, há quanto tempo e quais as drogas que ele (a) está usando e, se possível, a frequência e a intensidade do uso. Esses dados são importantes para serem fornecidos, no futuro, ao especialista.
- Procure descobrir as razões e os motivos que levaram o seu (sua) filho (a) ao uso de drogas. Muitas vezes, as raízes do uso de drogas repousam em problemas que, de comum acordo, você pode resolver ou minimizar.
- Não estigmatize seu (sua) filho (a), chamando-o (a), por exemplo, de maconheiro, marginal e drogado, nem faça ameaças de expulsá-lo (a) de casa, de interná-lo (a) em hospitais psiquiátricos ou de denunciar seus companheiros.
- Nunca fique se recriminando ou procurando culpados pelo fato. Outrossim, perguntas como "Onde é que faltamos?", não ajudam em nada. Lembre-se de que não existe vacina contra a droga e ela pode acometer qualquer um, indiferentemente do seu 'status' social, econômico ou cultural.
- Converse com seu médico de confiança a respeito do assunto. Peça-lhe orientações, principalmente sobre as clínicas e os serviços especializados a fim de encaminhar o seu (sua) filho (a) para o tratamento e a recuperação adequados.

- Feito isto, procure dar ao seu (sua) filho (a) todo o apoio necessário. Não basta, no entanto, fornecer-lhe a assistência de um psicólogo ou psiquiatra, mas é necessário envolver também toda a família no processo terapêutico. Chegou a hora de mostrar a seu (sua) filho (a) que os seus melhores amigos estão dentro de sua própria casa. Faça um mutirão familiar para apoiá-lo (a) nessas horas difíceis que atravessa.
- Lembre-se que as melhores armas que temos para combater o abuso de drogas são: amor, carinho compreensão e diálogo. Use-as! (“TUDO O QUE VOCÊ DEVE SABER SOBRE AS DROGAS” José Elias Murad)

5.2 - A educação escolar - informação sobre drogas

Já foi dito anteriormente que a escola não substitui a função familiar no que diz respeito a afetividade e papel educativo que lhe cabe. Como instituição, a escola tem um papel distinto na educação, complementa a formação que deveria ser iniciada em família.

Atualmente, entretanto, é na escola que o jovem passa a maior parte de seu tempo, é nela que se estabelece o processo de socialização com o estabelecimento da vivência num grupo distinto do grupo familiar. Aproveitando-se desta realidade, a escola busca atualmente integrar-se mais ativamente à vivência do adolescente, ao mesmo tempo em que sofre as conseqüências de sua própria essência: é na escola muitas vezes, que o jovem entra em contato com a drogadição, por influência direta dos membros do seu grupo e/ou pela iniciação dos traficantes, que se utilizam muitas vezes da escola como ponto de distribuição da droga.

Cabe à escola a prevenção ao uso das drogas e não o tratamento de quem já esteja usando. A prevenção primária é o trabalho que se faz com o aluno que ainda não usa a droga. A prevenção secundária já é um tratamento médico - psicológico para que o aluno que já usa drogas deixe de usá-las, e também das conseqüências deste uso.

A melhor prevenção é a educação, onde o aluno aprende a se cuidar como um todo, a tratar bem do seu corpo e de sua psique, dele. Esta educação se faz de uma maneira diluída, ao longo da convivência, quando se transmite uma filosofia de vida.

Entretanto, muitos professores desconhecem a realidade científica e psicológica das drogas (variedades, tráfico, efeitos, conseqüências, etc). É freqüente também não saberem identificar um usuário de drogas. Sabem menos ainda o que fazer quando identificam o usuário. Assim, é mais cômodo para a direção negar a existência de drogas em sua escola. Porque, para enfrentar a droga, dá muito desgaste físico, além do psicológico.

Os alunos escolhem cada um a sua maneira alguém (orientador, professor, funcionários) para se abrirem. Nem sempre essa pessoa é aquela a quem as escolas delegam tal função. Por isso é importante que as escolas preparem todos os funcionários e professores.

É muito mais fácil para a escola perceber que o aluno esteja usando drogas que os seus próprios pais. Assim a escola, ao perceber que um determinado aluno está com problemas deve procurar as causas dele. Caso seja identificado o uso de drogas, a escola deve convocar os seus pais, para encaminharem a situação para ser estudada por um profissional especialmente preparado. Não compete à escola o tratamento dos usuários, mas sim o seu encaminhamento adequado. Se nada for feito, todos perdem: a escola, o aluno, seus pais, a sociedade.

Educar ainda é a forma mais eficaz de um trabalho preventivo. Aliar ao currículo escolar temas ligados às drogas e explorá-los junto à população jovem, numa linguagem acessível e despida de preconceitos, assim como promover fóruns que reúnam pais, professores e alunos para o debate conjunto do tema, tem dado bons resultados, embora o crescimento da dependência entre os jovens nos aponte que é necessário mais empenho nessas iniciativas. (“SAIBA MAIS SOBRE MACONHA E JOVENS” Içami Tiba)

5.3 - A importância da catequese

A fecundidade do amor conjugal não se reduz só à procriação dos filhos, mas deve se estender a sua educação moral e formação espiritual. O papel dos pais na educação é tão importante que é quase impossível substituí-los. O direito e o dever de educação são primordiais e inalienáveis para os pais.

Os pais devem considerar seus filhos como filhos de Deus e respeitá-los como pessoas humanas. Educam os filhos no cumprimento da lei de Deus mostrando-se eles mesmos obedientes à vontade do Pai dos Céus. Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Dão testemunho desta responsabilidade em primeiro lugar pela criação de um lar onde a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado são a regra. O lar é um lugar apropriado para a educação das virtudes. Esta requer a aprendizagem da abnegação de um reto juízo, do domínio de si, condições de toda liberdade verdadeira. Os pais ensinarão os filhos a subordinar as dimensões físicas e instintivas às dimensões interiores e espirituais. Dar bom exemplo aos filhos é uma grave responsabilidade para os pais. Sabendo reconhecer diante deles os próprios defeitos, ser-lhes-á mais fácil guiá-los e corrigi-los.

O lar constitui um ambiente natural para a iniciação do ser humano na solidariedade e nas responsabilidades comunitárias. Os pais ensinarão os filhos a se precaverem dos comprometimentos e das desordens que ameaçam as sociedades humanas.

Pela graça do sacramento do matrimônio os pais receberam a responsabilidade e o privilégio de evangelizar os filhos. Por isso os iniciarão desde tenra idade nos mistérios da fé da qual são para os filhos os "primeiros arautos". Deverão associá-los desde a primeira infância a vida da Igreja. A experiência da vida em família pode alimentar as disposições afetivas que por toda a vida constituirão autênticos preâmbulos e apoios de uma fé viva.

A educação para a fé por parte dos pais deve começar desde a mais tenra infância. Ocorre já quando os membros da família se ajudam a crescer na fé pelo testemunho de uma vida cristã de acordo com o Evangelho. A catequese familiar procede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé. Os pais têm a missão de ensinar os filhos a orar e a descobrir sua vocação de filhos de Deus. a paróquia é a comunidade eucarística e o centro da vida litúrgica das famílias cristãs; é um lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais.

Durante a infância, o respeito e a afeição dos pais se traduzem inicialmente pelo cuidado e pela atenção que põem em educar seus filhos, a prover suas necessidades espirituais e físicas. Na fase de crescimento, o mesmo respeito e a mesma dedicação levam os pais a educá-los no reto uso da razão e da liberdade. Como primeiros responsáveis pela educação dos filhos, os pais têm o direito de escolher para eles uma escola que corresponda as suas próprias convicções. Este direito é fundamental. Os pais têm enquanto possível, o dever de escolher as escolas que melhor as possam ajudar na sua tarefa de educadores cristãos. ("CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA" Editora Vozes, Edições Paulinas, Edições Loyola, Editora Ave Maria-1993)

6- O SENTIDO DA VIDA

6.1 - Abordagem antropológica

A existência humana é marcada pela cultura e é ela a própria fundamentação da humanidade. Cultura é criação/ aprendizagem/ criação. É modificada, enriquecida, num processo constante, consciente e inconsciente, por acaso e por necessidade. Por isso a cultura marca, registra e pauta as condutas humanas. O ser humano é muito pouco programado.

O DNA (que é a codificação genética), pelo que se sabe hoje, não determina os modos de ser do homem. Muitos séculos se passaram para que invenções e criações as mais triviais

fossem feitas: o lenço, os talheres, os pratos, as xícaras e tantos outros utensílios do dia a dia e suas formas sociais de uso.

As boas maneiras que regem o comportamento cotidiano, a etiqueta, os gestos, os modos de vestir, de falar, enfim, os modos de viver, de amar, de nascer e de morrer. Tudo é repetido de significados, carregado de passado, impregnado de memória. São costumes, hábitos, pautas culturais da cultura humana. Tudo aprendido, formal ou informalmente. Tudo isso intrínseco ao equipamento biopsíquico. Em outras palavras, o homem é o construtor social do homem através da História: seu processo civilizador.

O planeta Terra tem quinze bilhões de anos. O homem pré - histórico tem, no entanto, a sua emergência nos últimos quatro milhões de anos (o Austrolopitecineo), enquanto que o Sapiens, propriamente, só apareceu há duzentos ou trezentos mil anos.

Na história da humanidade as transformações biológicas foram muito lentas, mas as de natureza cultural processaram-se velozmente e produziram impactos extraordinários. A cada invenção/ criação, os espaços de tempo reduzem-se na sucessão de outras transformações no modo de ser do homem. Dos primórdios à conquista do fogo, e à descoberta do modo de acendê-lo, até as idades dos metais, milhões de anos se passaram, mas, da conquista de energia nuclear e desta às viagens siderais e aos progressos da informática e da engenharia genética, apenas algumas poucas décadas: os últimos cinquenta anos.

O sentido da vida é reproduzir vida. Desde a descoberta do fogo, o homem busca meios de proteção a sua essência, embora, através dos tempos essa intenção unida à tecnologia e à ambição tenha tido um resultado contrário.

6.2-Abordagem religiosa

A catequese sobre a criação se reveste de uma importância capital: Ela diz respeito aos próprios fundamentos da vida humana e cristã, pois explicita a resposta da fé cristã à pergunta elementar feita pelos homens de todas as épocas: "De onde viemos? Qual é a nossa origem? Qual é a nossa meta? Donde vem e para onde vai tudo o que existe?". As duas questões, a da origem e a do fim, são inseparáveis. São decisivas para o sentido e a orientação da nossa vida e do nosso agir.

Não se trata somente de saber quando e como surgiu materialmente o cosmo, nem quando o homem apareceu, mas antes, de descobrir qual é o sentido de tal origem, se ela é governada pelo acaso, um destino cego, uma necessidade anônima, ou por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus. E se o mundo provém da sabedoria e da bondade de Deus, por que existe o mal? Donde vem? Quem é o responsável por ele? E haverá como se libertar dele?

Desde os inícios a fé cristã tem se confrontado com respostas diferentes da sua, no que diz respeito à questão das origens. Assim, encontram-se nas religiões e nas culturas antigas com numerosos mitos acerca das origens.

Certos filósofos afirmaram que tudo é Deus, que o mundo é Deus, ou que o devir do mundo é o devir de Deus (panteísmo), outros afirmaram que o mundo é uma emanção necessária de Deus, emanção esta que deriva dessa fonte e volta a ela, outros ainda afirmaram a existência de dois princípios eternos, o bem e o mal, a luz e as trevas, em luta permanente entre si (dualismo, maniqueísmo); segundo algumas dessas concepções, o mundo (pelo menos o mundo material) seria mau, produto de uma queda e, portanto deve ser rejeitado ou superado (gnose); outros admitem que o mundo tenha sido feito por Deus, mas à maneira de um relojoeiro que uma vez terminado o serviço, o teria abandonado a si mesmo (deísmo); outros finalmente, não aceitam nenhuma origem transcendente do mundo, vendo neste o mero jogo de uma matéria que teria existido sempre (materialismo). Todas essas

tentativas dão prova da permanência e da universalidade da questão das origens. Esta busca é própria do homem.

O homem ocupa um lugar único na criação, ele é "a imagem de Deus", na sua própria natureza une o mundo espiritual e o mundo material; é criado "homem e mulher"; Deus o estabeleceu na sua amizade.

De todas as criaturas visíveis, só o homem é "capaz de conhecer e amar o seu Criador"; ele é chamado a compartilhar pelo conhecimento e o amor, a vida de Deus. Foi para este fim que o homem foi criado e aí reside a razão fundamental de sua dignidade.

Por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas alguma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas e é chamado, por graça, a uma aliança com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que ninguém mais pode dar em seu lugar.

Deus criou tudo para o homem, mas o homem foi criado para servir e amar a Deus e para oferecer-lhe toda criação.

Na realidade, o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado. Graças à origem comum, o gênero humano forma uma unidade. Pois Deus "de um só fez toda a raça humana" (At 17,26).

Maravilhosa visão que nos faz contemplar o gênero humano na unidade de sua origem em Deus...; na unidade da sua natureza, composta igualmente em todos de um corpo material e de uma alma espiritual; na unidade do seu fim imediato e da sua missão no mundo; na unidade do seu habitat: a terra, de cujos bens todos os homens, por direito natural, podem usar para sustentar e desenvolver a vida, na unidade do seu fim sobrenatural: Deus mesmo, ao qual todos devem tender; na unidade dos meios para atingir este fim; ... na unidade do seu resgate, operando em favor de todos por Cristo.

A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. Dotada de alma "espiritual e imortal", a pessoa humana é a única criatura na terra que Deus quis por si mesma. Desde sua concepção, é destinada à bem aventurança eterna.

Pela razão é capaz de compreender a ordem das coisas estabelecida pelo Criador. Por sua vontade ela é capaz de ir ao encontro de seu verdadeiro bem. Encontra sua perfeição na "busca e no amor da verdade e do bem".

Em virtude de sua alma e de seus poderes espirituais de inteligência e vontade, o homem é dotado de liberdade, sinal eminente da imagem de Deus. O corpo do homem participa da dignidade da "imagem de Deus", ele é corpo humano precisamente porque é animado pela alma espiritual, e é a pessoa humana inteira que está destinada a tornar-se, no Corpo de Cristo, o Templo do Espírito. Não é lícito ao homem desprezar a vida corporal; ao contrário, deve estimar e honrar o seu corpo, porque criado por Deus é destinado à ressurreição no último dia.

A unidade da alma e do corpo é tão profunda que se deve considerar a alma como a "forma" do corpo, ou seja, é graças à alma espiritual que o corpo constituído de matéria é um corpo humano e vivo; o espírito e a matéria no homem não são duas naturezas unidas, mas a união deles forma uma única natureza.

A Igreja ensina que cada alma espiritual é diretamente criada por Deus - não é "produzida" pelos pais - e é imortal: ela não perece quando da separação do corpo na morte, e se unirá novamente ao corpo quando da ressurreição final.

7 - ADOLESCÊNCIA E AS DROGAS

O adolescente tem razões que a razão dos adultos desconhece. Quase todos os aspectos psicopatológicos são encontrados no adolescente normal. Cabe ao adulto saber lidar com eles.

Segunda Anua Freud pode-se considerar como normal toda emoção ocorrida na adolescência, o que dificulta o estabelecimento de limites entre normal e patológico. Assinala ainda que anormal seria um equilíbrio estável durante essa etapa do desenvolvimento. O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas.

Verificam-se em nosso meio cultural, períodos de *ensimesmamento*, alternando com audácia, timidez, incoordenação, urgência, desinteresse ou apenas apatia que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas onde podem oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, masturbação e até homossexualidade ocasional. Tudo isto constitui uma entidade "semi - patológica" ou uma "síndrome normal da adolescência", que é perturbadora para o mundo adulto, mas absolutamente necessária para o adolescente. A partir daí, o indivíduo chega a sua identidade adulta, que é o objetivo fundamental desse processo.

Nesta ação dialética indivíduo - mundo, o adolescente enfrenta o mundo dos adultos para o qual não está totalmente preparado. Desprende-se de seu mundo infantil onde vivia cômoda e prazenteiramente, em relação de dependência, com necessidades básicas satisfeitas e papéis claramente estabelecidos.

De acordo com Aberastury, o adolescente realiza três lutos fundamentais:

1. O luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, vivenciado pelo indivíduo como mudanças externas, frente as quais sente-se como espectador impotente;
2. O luto pelo papel e identidade infantis, que o obrigam a uma renúncia à dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece;
3. O luto pelos pais da infância, que o adolescente tenta persistentemente reter em sua personalidade buscando o refúgio e a proteção que eles representam. Esta situação complica-se pela própria atitude dos pais, que também têm que acelerar seu envelhecimento e o fato de que suas crianças já não são crianças e sim adultos, ou estão em vias de sê-lo.

Estes lutos, verdadeiras perdas de personalidade, são acompanhados das reações de tristeza e insegurança de um processo de perda (luto normal).

Esta situação do adolescente baseada nas relações interpessoais da infância que logo tem que abandonar, devido ao seu compromisso evolutivo, leva-o à instabilidade. Este caráter instável da personalidade tem as seguintes características:

- 1) A busca de si mesmo e de sua identidade;
- 2) Tendência grupal;
- 3) Necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- 4) Crise religiosa;
- 5) Deslocamento temporal, falta de localização no tempo;
- 6) Uma evolução sexual que vai desde um auto erotismo (masturbação) até a heterossexualidade genital;
- 7) Atividade social reivindicatória;
- 8) Contradições sucessivas em diversas manifestações de conduta;
- 9) Separação progressiva dos pais;
- 10) Constantes flutuações de humor e de estado de animo.

Esta síndrome (conjunto de sinais e características), produto da própria situação evolutiva, surge da interação do indivíduo com o meio. O mundo dos adultos, não aceita as

flutuações imprevistas do adolescente sem perturbar-se, uma vez que mobiliza, ansiedades básicas que haviam, até certo ponto, conseguido controlar.

Os pais manifestam angústia frente aos primeiros sinais de conduta sexual de seus filhos adolescentes. O adolescente isolado não existe, como não existe ser algum desconectado do mundo. O processo de pensamento começa a funcionar de acordo com as características grupais, por meio do apoio e do reforço que o sujeito adquire através da identificação com os outros egos.

Sob este aspecto é possível deduzir uma das razões que podem explicar o fenômeno da "turma" ("la barra" em espanhol ou "the gang" em inglês). O adolescente sente-se aparentemente muito seguro, podendo adotar papéis mutáveis compartilhando a conduta, a responsabilidade e a culpa com o grupo. Deposita no grupo, todos os seus atributos e direitos e na família, a maioria das obrigações e responsabilidades.

O jovem às vezes passa a agir opostamente procurando os outros, "o grupo", com uma urgência inexplicável para ele próprio. Está procurando aprender papéis, assumi-los; busca nos livros, nos companheiros, no teatro, nos filmes, personagens com quem se identificar. Falta-lhe concentração (nos estudos) falta-lhe vigilância (quando é chamado pelos adultos para qualquer obrigação externa).

Esquecimentos totais, tédio, desânimo, inibições e medos inexplicáveis, sentimentos de solidão, desesperança, momentos de despersonalização, micro - depressões com fantasias de suicídio, crises de agressividade descontrolada, aparecem no jovem. Na busca de ser ele mesmo, passa por períodos de confusão de identidade, mais do que falta de identidade, como inadequadamente se ouve dizer.

Em virtude da crise da adolescência, esta idade é a mais propícia para sofrer os impactos de uma realidade frustrante.

O adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar as projeções de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade. Seria dizer que ele é um alvo propício para tornar-se o carregador dos conflitos dos outros e assumir os aspectos mais doentios do meio em que atua. Isto se pode presenciar atualmente em nossa sociedade, que projeta suas falhas nos assim chamados "desvios de juventude", os quais se responsabilizam pela delinquência, pelo abuso de drogas, pela prostituição, etc...

É a sociedade que recorre a um mecanismo esquizóide (que dissocia, que divide) fazendo com que uma de suas próprias partes em conflito, como a juventude, adquira as características de todo o mal. A repressão da juventude através da própria sociedade e da violência familiar gera um maior distanciamento e agrava os conflitos já existentes.

Assim, vê-se o adolescente em conflito, em luta, em posição marginal frente a um mundo que reprime. Esta marginalização do jovem pode levá-lo à psicopatia franca ou a atividade delituosa.

Geralmente os pais temem que seus filhos sejam drogados. Diante da simples menção dos filhos com droga já os tratam como se estivessem viciados e chegam a tomar medidas drásticas que em vez de melhorar somente pioram a situação. Outros pais, por falta de conhecimentos, entram em pânico. O pânico gera atitudes inadequadas em qualquer pessoa. Acrescente-se a esta maximização a minimização que os jovens fazem dessa mesma situação e podemos perceber a grande distancia entre os adultos e os jovens usuários.

Qualquer pessoa pode ir se acostumando com as sensações diferentes e comportamentos estranhos a ponto de incorporá-los no seu dia a dia, perdendo a estranheza. É a tolerância. Muitas vezes passa até a sentir falta, de tão acostumado que estava com esta incorporação. É a dependência. Como o vício vai se instalando aos poucos, a própria família pode começar a incorporá-lo pela própria convivência que anestesia as diferenças, podendo até chegar a justificá-las.

Como a escola não tem vínculos emocionais como os familiares, e tem muitos outros jovens na mesma faixa cultural, social e etária para estabelecer comparações, ela detecta mais facilmente qualquer anormalidade seja ela qual for: intelectual, corporal, comportamental, etc. Portanto, a escola geralmente tem uma referência bastante saudável dos jovens e deve ser levada a sério pelos seus familiares.

O comportamento humano é basicamente uma resultante da integração da parte psicológica com a parte biológica. Quando a parte biológica está saciada, a parte psicológica é respeitada. Quanto maior for o sofrimento biológico, maior o prejuízo ao funcionamento psicológico.

O uso de drogas pode atingir a parte psicológica, a biológica e a animal. Enquanto a pessoa esteja somente interessada na droga, o que está sendo subjetivamente mobilizada é a parte psicológica, sem em nada afetar as outras duas partes. Quando a pessoa introduz a droga dentro de seu corpo, seja qual for a via utilizada, a parte biológica está também sendo atingida, junto com a psicológica que, desta vez, pode estar alterada pela própria presença da droga.

Quando a pessoa está realmente viciada, sua auto-preservação fica totalmente prejudicada, dominada que fica pelo desejo animal de sentir novamente os efeitos da droga. É por isso que mesmo sabendo que não se deve usar o seu desejo, o seu vício. Este é um dos motivos pelos quais é difícil realizar uma prevenção a AIDS entre os drogados injetáveis.

Uma vez que o experimentador já tenha sentido as conseqüências que a droga produz, o corpo registra tais sintomas através da memória corporal de prazer ou de desprazer. Se o registro corporal for de prazer, a pessoa vai querer repetir a experiência, porque o corpo não pensa: o corpo é regido pelo princípio de prazer e desprazer. Se o registro for de desprazer, de sofrimento, este mesmo princípio faz com que a pessoa não queira repetir a experiência. A memória corporal é um dos fortes ingredientes que compõem o desejo. Nestas condições a pessoa não é dona do próprio desejo, porque este pode ser resultante da experiência da sensação da droga já existente no corpo.

Em geral, ao experimentar uma droga a pessoa está buscando saciar algo, desde uma simples curiosidade, busca de aventura, de prazer, ser aceito pelos outros usuários e até alívio de sofrimento. Uma das conseqüências físicas nos seus primeiros usos é que a droga pode dar prazer, e pode também saciar aquela necessidade inicial. Assim, esta droga pode passar a ser mais uma alternativa de opções de sua vida.

Quando o uso da droga se torna um hábito, a pessoa acostuma-se com ela. Pelo princípio da tolerância, a droga já não lhe dá tanto prazer, nem resolveu aquelas necessidades iniciais, que, por não serem resolvidas, continuam lhe pressionando. Assim, a droga passa a ser uma necessidade a mais.

A dependência implica uma escravidão ao tóxico. Criticar somente os comportamentos inadequados do usuário nada resolve, pode é aumentar a discriminação. Se efetivamente nada se pode fazer, é melhor contar com ajuda de profissionais especializados. Tem pessoas que não sabem ouvir problemas alheios. Quanto mais tensa a situação, tanto mais elas falam dos seus próprios problemas, isolando-se assim do usuário. Quando se trata de drogas com seu próprio filho, falam mais de suas próprias dores, angústias, frustrações, desgraças e conseqüências. Assim, transformam-se em vítimas maiores que a própria vítima, sofrendores maiores do que seu filho, que realmente está sofrendo.

Rotulado como maconheiro, viciado, traficante ou marginal, o jovem é hostilizado como desviante perigoso, como ameaça ao funcionamento equilibrado e justo da família e da nação, aos seus fundamentos jurídicos e constitucionais, aos preceitos morais e religiosos, ao respeito das tradições sagradas e autoridades instituídas.

O perigo das drogas existe, sem dúvida. Porém, não será ele superdimensionado, transformado em um bicho papão, muito acima da sua verdadeira periculosidade, notadamente quando se estigmatiza os jovens usuários, enchendo-os de acusações e rótulos, antes ao menos de tentar ouvi-los? (A ADOLESCÊNCIA E A FAMÍLIA ATUAL "Knobel, Perestrello, Uchôa" - "SAIBA MAIS SOBRE MACONHA E JOVENS" Içami Tiba/ "DROGAS, AIDS E SOCIEDADE" Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde, Programa Nacional de DST/AIDS)

8- AIDS E DROGAS

O usuário de drogas injetável (UDI) é, entre os usuários de drogas, o grupo mais exposto às doenças sexualmente transmissíveis (DST's/AIDS), além de infecções particularmente agudas, como endocardites bacterianas, pneumonias e hepatites, entre outras.

As diferentes pesquisas feitas em todo o mundo sobre o assunto falam-nos de: uma particular resistência a mudança de hábitos; uma férrea relação com o "irmão de sangue" (aquele com quem iniciaram-se com quem injetam-se, ou com quem procuram drogas); uma importante negligência quanto à higiene mínima no momento de injetar-se e, Consequentemente, desconhecimento das técnicas de lavagem de seringas e agulhas; e, dentro dessa subcultura, a irremissível tradição de não recusa ao compartilhamento da seringa do parceiro.

No Brasil, a cocaína é a droga que se injeta em mais de 90% dos casos e, por suas características bioquímicas, é rapidamente metalizada, fazendo com que o UDI tenha de injetar-se múltiplas vezes para manter o nível desejado de sensação, dentro de um curto espaço de tempo (em geral, uma picada a cada hora e meia).

Desde que a AIDS começou a ser reconhecida como um problema de saúde pública, tem havido uma preocupação crescente com o papel desempenhado pelo uso de drogas por via injetável na disseminação global do vírus. Muitas pesquisas têm sido desenvolvidas para elucidar os mecanismos pelos quais o HIV é transmitido entre os usuários de drogas injetáveis.

Atualmente o perfil da epidemia de AIDS, assim como a disseminação do HIV em nosso meio, têm sido significativamente alterado pelo grupo dos usuários de drogas injetáveis. Desde 1983, quando se registrou o primeiro caso de AIDS relacionado ao uso de drogas injetáveis no Brasil e, principalmente a partir de 1986, o número dos casos notificados de AIDS entre UDI tem tido um aumento notável em nosso país. Deste ano em diante, o número de casos notificados aumentou de 46 para 1.371 casos em 1990, e depois para 3.080 casos em 1993 (Ministério da Saúde, 1994).

No Brasil, principalmente na região Sudeste, a cocaína é a droga escolhida entre aqueles indivíduos usuários que privilegiam a via injetável. A proporção do uso da cocaína em relação a outras drogas injetáveis é superior a oitenta por cento. Comprovadamente, este número elevado de injeções aumenta o risco de infecção pelo HIV entre os usuários de cocaína injetável por ser muito comum a reutilização do mesmo equipamento.

As sociedades elegem seus bruxos, constituem seus mitos para suportarem o desconhecido. O que não se conhece é o que ameaça, daí a necessidade de identificá-lo, caracterizá-lo com marcas que o fazem diferente - é assim porque tem isto ou aquilo, o que eu não tenho, portanto não corro o risco de ser. Foi assim com a AIDS - "a peste gay", "a doença de homossexuais". Mas a AIDS progressivamente ocupou os espaços e vai ocupando os círculos de amizade, a vizinhança, a intimidade dos lares. Tem sido assim com os usuários de drogas: "efeitos farmacológicos aberrantes", "ligações com as perversões sexuais"; "identificação com o crime e a marginalidade"; "pessoas diferentes, inacessíveis, suicidas, impossíveis de ser objeto de prevenção, que só querem o prazer da droga".

Tudo isso e algo mais, mas pouco a pouco os usuários de drogas vêm sendo desmistificados, reconhecidos como iguais, a proporção que se tornam motivos de atenções médicas, psicológicas e da sociedade como um todo.

De perto, talvez ninguém seja normal; por outro lado, de perto, de muito perto, talvez o diabo não seja tão feio quanto se pinta. O difícil é olhar de perto, afinal a exclusão esconde o insuportável. A AIDS tem contribuído para chamar a atenção sobre os usuários de drogas injetáveis, seja na vertente psicológico comportamental, seja na vertente médico - antropológica, tentando melhor compreender e intervir em atitudes de riscos de contaminação pelo HIV. Na contradição da morte: os UDI como alvo de cuidados e atenção social.

O usuário de drogas, e entre estes os usuários de drogas injetáveis, que habitualmente são os mais comprometidos, carregam consigo uma dor; a dor do acentuado desencontro em relação a si mesmos, a dor da carência de referenciais seguros, da falta de adequados suportes identificatórios. Os toxicômanos não são felizes. O que ocorre habitualmente é que são vistos apenas na superfície e à distancia. ("DROGAS E AIDS" Ministério de Saude, Secretaria de Assistência à Saude, Programa de Assistência à Saude, Programa Nacional de DST/AIDS)

9- DROGAS E ESPIRITUALIDADE

9.1 A falta da percepção de Deus na vida do adolescente / jovem

São muitas as razões - e às vezes, pode ser apenas uma razão - que levam uma pessoa a deixar a sua fé e enveredar pelo caminho da dúvida ou na negação pura e simples de tudo aquilo em que um dia acreditou. Entre elas: conflito moral, confronto com as idéias de seu grupo religioso, influência de outras ideologias e propostas sociais e políticas, admiração por algum pensador ou professor, influência de amigos e do meio freqüentado pela pessoa em crise, redescoberta de alguns valores humanos até então sufocados, comodismo, angústia existencial que a religião não resolve, conflito com o discurso das pessoas religiosas, revoltas contra o mau testemunho das pessoas comprometidas com a religião...

Exatamente como acontece com os adultos, há jovens honestos na sua dúvida ou descrença e há jovens desonestos na sua dúvida ou descrença. Alguns preferem não crer porque é mais interessante negar ou duvidar. Há neles um ateísmo pragmático que lhes poupa muitos aborrecimentos, sobretudo se o meio que freqüentam é hostil à religião. Preferem não crer para não ser marginalizados. E isso acontece em muitos ambientes sociais e culturais. Seu ateísmo não é de convicção: é de conveniência. Na realidade para eles Deus até talvez exista, mas, pró-forma sustentam que são ateus. Ganham mais com isso!

Do outro lado dos fatos está o rapaz ou a menina que, após muita busca e interrogações chegaram à conclusão de que não é mais possível continuar crendo como acreditavam. Sua religião e nenhuma outra parecem claras o suficiente para que mantenham ainda um discurso de fé. Simplesmente não sabem se Deus existe e atua mesmo no mundo. Mostram-se céticos e agnósticos e até sofrem com isso, pois gostariam de respostas claras. Os livros que lêem não os satisfazem. As conversas que mantêm com sacerdotes e pastores a quem admiram abre perspectivas, mas não chegam a convencer. São honestos na sua dúvida e muitas vezes honestos na sua negação.

Estes jovens não querem ser mais uma ovelha em redil algum. Não querem aumentar o número em religião nenhuma. Não querem outra coisa senão respostas que sejam suficientemente claras para que um dia tomem a decisão mais honesta possível. E o que parece ser zelo de salvar uma "alma" acaba em agressão a um ser humano jovem que não consegue ver Deus atuando no mundo, às vezes por cegueira e falta de humanidade das pessoas que O anunciam como Pai...

Se ontem a perda de fé era fenômeno mais da idade adulta como atestam tantos escritos, hoje, pelo acúmulo de informações que o jovem recebe desde a infância através do progresso incomensurável dos meios de informação muito mais cedo que ontem o jovem é levado a questionar as religiões, a vida, as autoridades e o mundo no qual cresceu. Não é, pois, incomum encontrar, sobretudo nos grandes centros urbanos ou periferias, jovens de menos de vinte e três anos que justificam sua descrença com argumentos bastante lógicos e, por outro lado, alguns jovens ou adolescentes, quando falam de Deus dizem um amontoado de bobagens. Mas não são em nada diferentes de certos doutores, políticos e governantes que dizem bobagens ainda maiores acerca de Deus e acerca da fé. Se deve perdoar a ignorância que se perdoe a dos jovens porque, pela sua idade é compreensível que saibam menos.

Mas, num todo, quem muito insiste em negar o Deus dos outros está procurando sem o saber o Deus de todos, ou o Deus único e verdadeiro que não tenha nem a cor dos católicos, nem dos evangélicos, nem dos capitalistas, nem dos marxistas, nem de grupo de poder nenhum e sim que seja ele mesmo. Não como O imaginamos ou fabricamos, mas como Ele é.

Os que dizem euforicamente que os jovens hoje são mais religiosos do que os de ontem talvez estejam abusando da imaginação. Na Europa cansada de guerra os jovens não estão enchendo as igrejas, exceto em alguns lugares ou países. Na América cansada de consumismo capitalista os jovens não estão exatamente dormindo nas sacristias ou debatendo a existência ou morte de Deus. Na América Latina a porcentagem de jovens realmente engajados na fé em Jesus Cristo talvez não chegue à cifra de 5%.

Quem duvida pesquise os colégios católicos e evangélicos, depois os estaduais, finalmente as universidades e veja quantos estão comprometidos com algum grupo religioso...E vá às igrejas onde se realiza algum culto e conte o número de jovens: depois conte os que não foram nem pretendem ir...Chegam a 90% tranqüilamente, a maioria dirá que crê em Deus, mas não acha importante freqüentar nenhum grupo religioso... O Deus deles, na verdade, existe, mas é distante e não os compromete com nada de especial. Serve para criticarem o mundo, mas não para fazerem auto crítica.

Na verdade, a juventude é uma época crítica. Quem acha fácil ser jovem hoje, ou não se deu conta de que ser jovem nunca foi fácil ou está confundindo acidentes com essência. O mundo tornou muito mais difícil a vida do jovem, apesar dos carros, das motocicletas, da televisão, do rádio, dos computadores, dos amores mais abertos, do sexo mais ousado, da moda menos patrulhada, do consumo desenfreado e de tudo aquilo que faz o mundo ocidental parecer paraíso de liberdades sem fim para quem tem menos de 30 anos.

Talvez o maior serviço que possamos prestar aos jovens que questionam a existência de Deus é ajudá-los a questionar-se melhor... Ensinemos a eles que há diferença entre duvidar e negar. E talvez da sua dúvida nasça não à descrença, e sim a fé num Deus diferente do que até então imaginaram...

9.2 - Os efeitos nocivos da droga na caminhada espiritual do jovem cristão

Houve um jovem que cruzou o caminho de Cristo, entusiasmou-se ao ouvi-lo falar do Reino, ao vê-lo realizar os milagres, ao contemplar a imponente personalidade do Mestre e quis segui-lo. Cristo o amou como ama o ardor, a vitalidade, a capacidade de entusiasmo e grandeza dos jovens e lhe colocou as condições para seguir-lhe: uma entrega irrevogável, um sentir-se desprendido de tudo, deixar tudo para possuir a Ele somente. Aqui foi onde o jovem retrocedeu amedrontado, dando as costas à Cristo. Depois não soubemos mais dele, passou a tomar parte de uma anônima turba humana de todos os séculos e de todos os hemisférios.

Quantos jovens, envolvidos com a dependência às drogas, já não passaram pela mesma experiência do jovem rico? Ouvem falar de Cristo, anseiam por conhecê-lo e segui-lo, mas acabam desistindo porque não conseguem abandonar a dependência...

Por tudo o que foi anteriormente exposto, notamos que, com o uso das drogas em menor ou maior escala, as funções superiores que distinguem o homem de qualquer outro animal, ou seja: a inteligência, a vontade, a capacidade de amar e a liberdade ficam comprometidas e deste modo, compromete-se também as vias de acesso e conhecimento divino.

Como foi dito no início desse trabalho, a graça divina atua sobre a realidade humana. Isto significa que muitas vezes, para não dizer sempre, os grandes projetos e programas espirituais morrem porque falha o homem - e não a graça divina - porque a graça de Deus não encontra no usuário de droga uma atitude de responsabilidade, de escolha livre e voluntária que se requer como a terra preparada, para que cresça a semente da fé.

O jovem que envereda pelo caminho das drogas dificulta o acesso às questões espirituais porque está comprometido como um todo em suas funções superiores, por mais que insista em negar essa realidade. Qualquer ato de fé necessita dessas funções e, como o próprio Cristo disse, "não se pode servir a dois senhores".

O adolescente usuário de drogas é uma pessoa ferida que acaba prejudicando mais a si mesmo que aos outros, por mais que sua família esteja visceralmente envolvida nesse drama. O mundo não lhes agrada? Não é possível enfrentar determinada situação? Aguçam a mente ou contundem-na. Dão ao corpo algum aditivo para que o problema pareça menor, ou eles pareçam maiores. Depois, tudo continua como antes. E precisam outra dose. Até o dia em que não encontram mais o caminho de retomo, porque o corpo ou a mente não suportou aquela dose a mais. Ou, até o dia em que a cabeça e o coração se abraçam e eles decidem que é de dentro para fora que os problemas se resolvem e não de fora para dentro. E abandonam os tóxicos, não sem grande e heróico esforço para viver a vida com a coragem de quem sabe que somos maiores por dentro do que por fora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ser ou não ser - Educação preventiva do uso de drogas

Ronaldo Guilherme Vitelli Vianna - Edições Loyola
- Ed. Loyolas, 1993

Pixote Nunca mais

A verdadeira vida de Fernando Ramos da Silva
Silva, Cida Venancio - Ed. Global, 1988

Adolescência e saúde / Comissão de Saúde do Adolescente

Editorial Secretaria de Estado da Saúde, 1988
cap.14 - Abuso de drogas - Sérgio Tufik

Jovens em Renovação

Espiritualidade, Afetividade, Sexualidade
Pe. Alírio J. Pedrini S.C.J. - Ed. Loyola

A Toxicomania - sinal e sintoma

Juan Alberto Yaria - Ed. Loyola

A Geração insatisfeita

Pe. Zezinho, scj - Edições Paulinas

Mensaje

Pe. Marcial Maciel, L. C.

Drogas e AIDS - estratégias de redução de danos

Fábio Mesquita/ Francisco Inácio Bastos
Ed. Hucitec, 1994

Adolescência e Individualidade

Judith Gallatin - Ed. Harbra

Catecismo da Igreja Católica

Ed. Vozes/ Paulinas/ Loyolal Ave Maria, 1993

A adolescência e a família atual - visão psicanalítica

Knobel, Perestrello, Uchôa - Livraria Atheneu

Saiba mais sobre maconha e jovens

Içami Tiba

Drogas, AIDS e Sociedade

Ministério da Saúde, 1995

Crack, o caminho das pedras

Marco Antonio Uchôa - Editora Ática

